



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
Rua Cícero Eduardo S/N – Bairro Junco – 64.600-000 – Picos –PI.
Fone (89) 3422-1087 – Fax (89) 3422-1043



Corpos Tatuados: Percepções de Tatuados e Tatuadores sobre a Construção de Estereótipos no Ambiente de Trabalho em Picos-PI

Tattooed Bodies: Tattoos and Tattoos Perceptions about the Construction of Stereotypes in the Work Environment in Picos-PI

Autores: Jessyca Deys de Sousa Martins¹, Kary Emanuelle Reis Coimbra²

Picos PI
2017

¹ *Graduando em Administração pela UFPI;*

² *Professora da UFPI, mestre, orientadora.*

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

M386c Martins, Jessyca Deys de Sousa.

Corpos tatuados: percepção de tatuados e tatuadores sobre a construção de estereótipos no ambiente de trabalho em Picos-PI / Jessyca Deys de Sousa Martins– 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (25 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2017.

Orientador(A): Prof.ª. Ma. Kary Emmanuelle Reis Coimbra

1. Tatuagem-Estereótipo-Mercado de Trabalho. 2. Tatuados-Mercado de Trabalho. 3. Tatuagem-Preconceito-Mercado de Trabalho. I. Título.

CDD 658.3



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

Rua Cicero Eduardo S/N – Bairro Junco – 64.600-000 – Picos – PI.
Fone (89) 3422-1087 – Fax (89) 3422-1043



PARECER DA COMISSÃO EXAMINADORA
DE DEFESA DE ARTIGO CIENTÍFICO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

JÉSSYCA DEYS DE SOUSA MARTINS

O Trabalho da Tatuagem e a Tatuagem no Ambiente de Trabalho: Percepções de Tatuadores e Tatuados sobre Estereótipos na Cidade de Picos

A comissão examinadora, composta pelos professores abaixo, sob a presidência da primeira, considera a discente como:

Aprovado(a)

Aprovado(a) com restrições

Observações: a nota está condicionada a entrega do TCC final com todas as alterações sugerida pela banca nos prazos previamente estabelecidos.

Picos (PI), 17 de junho de 2017.

Kary Emanuelle Reis Coimbra – Me.

Naira Luan Sousa e Silva – Me.

Marcus Santos de Sousa – Me.

RESUMO

Atualmente, a liberdade de expressão e de se manifestar, de modo a fazer uso do próprio corpo para expressar subjetividades por meio de modificações corporais como a tatuagem tem ganhado cada vez mais adeptos, porém sua aceitação ainda não se dá pela totalidade da sociedade, gerando preconceito e estereótipos sociais. A influência do estigma é uma divisão de algo comum na sociedade, ou seja, a estereotipia ou o perfil de nossas perspectivas normativas em relação à conduta e ao caráter (GOFFMAN, 1891). Diante disso, este trabalho visa identificar quais as percepções de tatuadores e tatuados na cidade de Picos-PI quanto aos estereótipos atribuídos na relação tatuagem e mercado de trabalho. Utilizando abordagem qualitativa, através de entrevistas individuais em profundidade, acrescidas de anotações de campo, os dados coletados e trabalhados de acordo com a técnica de análise de conteúdo apontam que pessoas que possuem tatuagem sofreram algum estereótipo familiar, social e/ou no mercado de trabalho. Os tatuadores e tatuados relatam experiências, demonstrando que não são bem vistos, não se sentem incluídos, sentem-se estigmatizados, diminuídos, menosprezados pelos olhares e comportamentos negativos da sociedade picoense.

Palavras-chave: Estereótipo. Preconceito. Tatuagem e Mercado de trabalho.

ABSTRACT

Currently, a freedom of expression and of Showing yourself, in the way to make use of our own body to express subjectivities by ways of corporal modifications like a tattoo has get more and more followers, in the meantime the acceptance still does not happen by the totality of the society, creating prejudice and social stereotypes. The brand's influence is a division of something ordinary on society, in other words, a stereotypy or the profile of our normative perspectives on conduct and feature (GOFFMAN, 1891). Therefore, this work aims to identify the perceptions of tattoo artists and tattooed in the city of Picos-city(PI) regarding the stereotypes attributed in the relationship tattoo and labor market. Approaching qualitatively, through in-depth individual interviews, added field notes, the collected data and worked according to a technique of content analysis indicate that tattooed people have suffered some family, social and / or labor stereotype . Tattoo artist and tattooed people report their experiences, showing that they are not well-regarded, do not feel included, feel stigmatized, diminished, despised by the negative looks and behaviors By the society of Picos city.

Keywords: Stereotype. Prejudgment. Tattoo and Labor market.

1 INTRODUÇÃO

Muitas pessoas sofrem preconceitos todos os dias nos contexto pessoal e profissional. Em relação ao mercado de trabalho “ao recrutar, treinar e promover seus funcionários as empresas estão atendendo as necessidades próprias de seus negócios” (INSTITUTO ETHOS, 2000), essas organizações estão mais preocupadas com aparência do que com capacidade profissional. Varela (2009) afirma que funcionários com tatuagem provavelmente não seriam contratados por uma empresa caso o chefe soubesse da tatuagem, denotando que o mais importante são as características físicas do que as habilidades intelectuais.

A tatuagem é considerada pelas organizações um item relevante no processo seletivo de modo a influenciar na decisão de contratação ou não do candidato e reflete a forte presença dos aspectos culturais tradicionalistas, característicos da sociedade atuando e interferindo nas decisões e atividades corporativas. Denotando que a atividade é dirigida por um conjunto de objetivos de natureza ideológica, política, social e econômica. Objetivos esses definidos por instituições sociais, ou seja, pelos sujeitos que em determinada sociedade detêm e exercem poder, legítimo ou não (BARROS, 2014).

Para Goffman (1891), a sociedade gera e descreve um padrão preestabelecido de ações e condutas consideradas normais baseadas em atributos vivenciados pelos membros daquela comunidade, a padronização é refletida nas organizações, onde oprime a subjetividade do indivíduo, às vezes expressa por meio das modificações corporais, e se institui pela sua supressão.

O estereótipo é resultado da construção social da realidade (BERGER; LUCKMANN, 2004), onde o mercado e a mídia impõem como as pessoas devem se comportar, se vestir, agir, até mesmo o que comer e através desse critério predefinido pelos grandes produtores. Goffman (1891) descreve ainda que o a admissão inicial exigia que o empregador, e às vezes o chefe de pessoal, conhecesse o seu estigma, mas existia sempre a probabilidade de que os níveis inferiores da organização e os companheiros de trabalho fossem conservados numa certa ignorância do fato, e até quando persistiria a estupidez dos que não o conheciam. Notamos que as organizações expõem estereótipos durante os processos de seleção de pessoal, o que submete os indivíduos a esconderem seus desenhos corporais para obterem alguma chance de sucesso profissional. A imagem estigmatizada dos tatuados ainda persiste nos dias atuais, mantendo-se firmemente presente nos ambientes de trabalho que comportam áreas de atuação mais conservadoras.

Diante dos fatos citados, fizemos o seguinte questionamento: **quais as percepções de tatuadores e tatuados na cidade de Picos-PI quanto aos estereótipos atribuídos na relação tatuagem e mercado de trabalho?** Partindo-se dessa questão, este trabalho visa: a) identificar o cotidiano de trabalho de tatuadores na cidade de Picos; b) analisar os estereótipos relacionados à tatuagem no mercado de trabalho e; c) identificar a percepção de tatuadores e pessoas tatuadas em relação à tatuagem na vida pessoal e profissional na cidade de Picos.

Este trabalho está estruturado em cinco seções, incluindo esta introdução. Nas seções 2 e 3 temos o referencial teórico, onde debatemos estereótipos e estigmas sociais, estereótipos no mercado de trabalho e a tatuagem. Posteriormente apresentamos o percurso metodológico para a realização desta pesquisa. Em seguida apresentamos os resultados obtidos na pesquisa. A última seção as considerações finais, apontando os pontos considerados mais relevantes neste trabalho.

2 ESTEREÓTIPOS E ESTIGMAS SOCIAIS

Os estereótipos estão relacionados a conceituações definidas e utilização de definições negativas quando é manifestado um julgamento de algum tema, de grupos ou de pessoas

(SANTORO, 2014). Pereira (2002, p.45) menciona que ainda hoje presenciamos o compartilhamento das crenças, ou seja, opiniões sociais e mostra a definição dada para estereótipos com base nas teorias atuais, assim os estereótipos são tidos como “crenças sobre atributos típicos de um grupo, que contêm informações não apenas sobre estes atributos, como também sobre o grau com que tais atributos são compartilhados”. Para Silva (2006) as generalizações relacionadas aos estereótipos são significados de uma resposta rápida do pensamento para justificar a problematização de uma questão, utilizando-se de conteúdo e princípios de valor, diante da posição social, criando julgamentos perante esses elementos. O sujeito preconceituoso possui opinião inflexível, por isso o preconceito segue como definição social, imaginando o diferente como culpado daquilo traz medo e insegurança dos que são iguais. O foco é levado para o lado da agressão, transformando os desiguais em vilões em vez de torná-los admiráveis (SILVA, 2006).

Dessa forma, o conceito de estereótipo se relaciona a maneira como a sociedade, de forma geral, concebe, compartilha e julga determinados grupos sociais. Quanto ao estigma, Goffman, autor cuja obra publicada em 1891 intitulada *Estigma* e que trata sobre o tema em profundidade, relacionando-o diretamente à identidade social. A obra aponta o estigma como termo usado para fazer alusão a um atributo depreciativo. Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou de mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor, uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos (GOFFMAN, 1891).

Para Goffman (1891, p. 11), "a sociedade estabelece um modelo de categorias e tenta catalogar as pessoas conforme os atributos considerados comuns e naturais pelos membros dessa categoria". Estabelece também as categorias a que as pessoas devem pertencer, bem como os seus atributos, o que significa que a sociedade determina um padrão externo ao indivíduo que permite prever a categoria e os atributos, a identidade social e as relações com o meio. O estigma por ser uma marca, um rótulo, é o que mais indica a eventualidade da identificação. Quando marcamos uma pessoa pela etiqueta, o convívio passa a ser com este, não com o sujeito. E, assim, continuamos uma percepção às cegas, dos surdos, justificando todos os seus comportamentos inflexíveis agindo assim porque não vê o que faz (SILVA, 2006).

Diante disso, podemos inferir que se alguém demonstra pertencer a uma categoria com atributos incomuns ou diferentes, há grandes chances deste indivíduo ser pouco aceito pelo grupo social, pois o grupo social não está preparado para lidar com aquilo que se apresenta de maneira diferente, fora do padrão e, em situações extremas lida com tal situação convertendo o indivíduo que está fora do padrão em uma pessoa má e perigosa passa a ter suas características desconsideradas, desprezadas de modo que ele perde o seu valor, suas potencialidades são anuladas na visão de quem não o aceita. Esse sujeito é estigmatizado socialmente e anulado no contexto tanto social quanto profissional.

Para Miranda (2014) na Psicologia Social a definição mais utilizada para o preconceito é a de que o define como uma atitude negativa em relação a uma pessoa baseada na crença de que ela tem as características negativas atribuídas a um grupo. Sendo assim, podemos deduzir que o preconceito nasce dos estigmas e da estereotipização dos diferentes grupos sociais, tendo em vista que o estigma se trata de um atributo que faz alusão a um defeito ou desvantagem de alguém em relação a outrem, o que produz um amplo descrédito na vida do sujeito e torna a identidade social virtual do mesmo discrepante da sua identidade real. Dessa forma, as pessoas estigmatizadas se deparam com uma realidade de exclusão ou de barreiras mais difíceis de transpor ao que é comum à vida em sociedade, como assumir uma vaga de

emprego, frequentar espaços públicos como parques, restaurantes etc., pois a própria sociedade impõe a perda da identidade social do grupo estigmatizado e determina uma imagem deteriorada do que se mostra não pertencente ao modelo que caracteriza e identifica a totalidade de uma determinada sociedade.

2.1 Estereótipos no Mercado de Trabalho

A busca de oportunismo igualitário é antiga e ainda constante, começamos pelo direito a liberdade, ao voto, a igualdade de gênero entre outros fatores, mas focamos neste artigo a liberdade de expressão corporal, de pensar e agir sendo respeitado por querer ter seus próprios conceitos. Instituto Ethos (2000) à prática da diversidade é criar condições de conformidades com valores particulares, representando a efetivação do direito a diferença. Essa dessemelhança induzida por ética, religião e cultura social é o crescimento de conflitos a intolerância, porém a diversidade é a solução para superar esses estereótipos, impulsionando valores estratégicos dentro da organização e eliminando algum estigma existente.

No Brasil são as empresas particulares que mais oferecem trabalhos e oportunidades, por serem estas os maiores contratantes, são elas que serão mais sujeitas de estereótipos. Os tatuados por medo de perder um cargo ou emprego significativo preocupam-se em esconder a tatuagem, devido à crença de que mercado de trabalho não está favorável a lidar com a tatuagem (OSÓRIO, 2005), isso dependerá de a organização ser diversificada ou ser preconceituosa sobre a exigência que a sociedade estabelece como correto. O trabalho pode ser percebido de duas formas, como reconhecimento social ou como desgaste a liberdade, porque este pode permear prazer ou absolver sofrimento, tudo isso reflete na vida pessoal de seus funcionários, (ALMEIDA; MOURA, 2015) empregados estimulados e felizes dentro da organização rendem mais, trabalham de forma positiva acrescentando para o crescimento contínuo da empresa.

Para o Instituto Ethos (2000) as empresas que utilizam a diversidade para identificar e prevenir os estereótipos e stigmas tendem uma menor vulnerabilidade legal, um tratamento mais justo com os funcionários diminuem as queixas e questões trabalhistas. Focalizando na produtividade e desempenho melhor de sua mão-de-obra. Varela (2009) aponta que um sujeito que tenha tatuagem exposta, pode ser estigmatizado na busca de uma oportunidade profissional como a escolha de uma área importante no mercado de trabalho.

Devemos atentar que empresas diversificadas trabalham com pessoas de perspectivas exclusivas ou não, é necessário que seus funcionários saibam como a organização trabalha e exige o respeito de todos, deixando claro para seus colaboradores. Para Instituto Ethos (2000) ao estimular esse dinamismo a empresa ganhará mais ascensão dos seus clientes e fornecedores e fortalecerá o respeito mútuo entre as pessoas, imergindo no mercado com maior competitividade e destaque profissional.

Não podemos esquecer que muitas empresas ainda se favorecem de estereótipos na contratação e até mesmo após ela, a modificação corporal como a tatuagem é uma das mais questionadas na entrevista de contratação, a grande maioria das empresas questionam se nós possuímos alguma tatuagem, se sim, perguntam quantas são, se essas artes corporais são visíveis. Então perguntamos: se isso não fosse um fator relevante na contratação porque as empresas nos questionaria isso na primeira entrevista? Nossa pesquisa busca entender esse enfoque relacionado à arte corporal, o porquê de ser um critério classificatório ou eliminatório? Se isso acontece o porquê a empresa ou empresário se deixa levar pelos padrões sociais e não de estratégias diversificadas? Existem várias formas de estereótipos uma delas pode ser a evitação que é o ato de atrapalhar, impedir que uma pessoa tida por um grupo social tenha acesso a certos alvos, sendo discriminada sem que seja percebido. Souza (2007). As diferenças associadas aos indivíduos ou grupos de minoria que podem adquirir status de

inferioridade e incapacidade, socialmente construídas por um contexto social, cultural e histórico. É uma colocação do mercado de trabalho que as tatuagens sejam escondidas. Por isso, que os sujeitos ao decidirem se tatuar preferem fazer em locais que possam ser cobertos pelo vestuário, e que fora do ambiente profissional possam ser reveladas (VARELA, 2009).

Percebemos então que nem todas as organizações são diversificadas e que o assunto de preconceito e discriminação se trata de um termo permanentemente atual, sendo que um indivíduo com atributos fora dos padrões sociais e suas características pessoais passam a ser questionado, este indivíduo é visto com estigma, indesejável entre a maioria que se considera adequada para aquele ambiente. Esse estereótipo é compreendido como consequência da sociedade e seus agrupamentos sociais (COIMBRA; PACHECO; SARAIVA, 2014).

3 AS CONCEPÇÕES DA TATUAGEM

Para esse trabalho, é importante mostrar algumas informações sobre a história da tatuagem, pois sua trajetória é primordial para um melhor entendimento da dimensão alcançada. Além dessa análise do contexto da tatuagem como uma natureza específica e particularidades próprias, vale ressaltar que no universo se insere esse conjunto global, no qual a fantasia manifestada e sua influência definem de qual grupo social faz parte. Essa característica impulsiona diretamente a estereótipos sociais que tem sido a linha de assimilação à identidade, de aprovação e de relacionamento, compreendido pela prática da tatuagem dentro de sua história no Ocidente, mas que ainda hoje em pleno século XXI com tanta tecnologia e informação existem estereótipos pela expressão corporal, apesar de menos intenso segue como fator decisivo desta dinâmica (FONSECA, 2003).

O universo das modificações corporais vem sendo cada vez mais discutido, desde os tempos imemoriais temos notícias de seu uso, como Rocha (2009) e Mendonça e Silva (2007) que nos apresenta a descoberta de uma múmia com tatuagens por volta de 5,3 mil anos, sendo encontrada em 1991, nos Alpes da Itália. No entanto, essa prática só começou a ser observada por volta do século XVIII através de marinheiros e viajantes nas ilhas do Pacífico. Já no século XIX e XX essa ornamentação corporal foi vista pela sociedade como uma ação marginalizada, pois os presidiários, mercenários e soldados se identificaram com essa arte, fazendo com que surgisse um estigma social diante desse contexto. Somente a partir de 1980 a tatuagem começa a ser profissionalizada e procurada pelas novas gerações. A estigmatização de pessoas com antecedentes desvalorizados pode exercer um meio de controle social taxativo. Membros de grupos religiosos, étnicos ou raciais utilizam suas importâncias para um certo cuidado de aproximação ou aparentemente um afastamento de minorias de diversas competições; e o descrédito daqueles que não se enquadrem nos padrões estabelecidos pela sociedade (GOFFMAN, 1891).

No Brasil a tatuagem foi aderida lentamente, com a inovação do método de tatuar com máquinas elétricas houve dificuldade de acesso às novas técnicas, seu avanço só foi possível através de tatuadores estrangeiros. Os locais onde se tinha acesso a essas atividades eram improvisados em pequenos espaços dentro de galerias, academias de ginástica, barbearias etc., deixando o uso de “agulhas caseiras” para máquinas elétricas (FONSECA, 2006). A partir dos anos 90 essa ação começou a ter uma imagem de profissionalismo, inserida em um seguimento comercial e seguindo as regras de higienização e cuidados à saúde de seus usuários, “a tatuagem é ressignificada, passa a ser uma ornamentação a mais para o corpo, uma intervenção estética que expressa a personalidade do indivíduo” (DIAS, 2014 p. 66). Os adeptos dessa prática querem demonstrar no corpo sua personalidade, formalizando uma espécie de “status”, e é muito visível em grupos sociais específicos como, por exemplo, os grupos de rock.

Segundo Rocha (2014) é natural que tenhamos a malícia de dominar e agir sobre o corpo, pois este é o primeiro território no qual nos abrangemos. Desejamos deixá-lo com nossas características, com nossa marca, tentando mostrar o que pensamos e queremos, fugindo de um aspecto comum e tornando-se único. A tatuagem é uma destas modificações e umas das mais aderidas nos setores sociais, sem restrições de gênero, raça ou *status*, e por isso é comum que encontremos restrições através dessas ações. Aparentemente esse direito de liberdade nem sempre nos é tolerado, pois existem restrições sociais ao poder do indivíduo sobre seu próprio corpo.

A arte de expressão se exhibe através de signos, a abordagem semiótica da cultura é favorável ao diagnóstico da tatuagem como atividade cultural estruturada. A tatuagem contém relevância social que se transforma no tempo e no espaço, estabelecendo suaves maneiras de comunicação entre as pessoas. Dentro de cada texto dessa cultura a tatuagem é o suporte de propaganda que determina comunicação entre sujeito e o mundo objetivo, fazendo-o com seus devidos códigos, com sua própria linguagem (NOVAK, 2012). A sociedade às vezes não aceita essa arte e começa a transformar esses signos em repressão coletiva.

Atualmente esse novo perfil de expressão corporal como arte está sendo reconhecido e benquisto para quem se dedica a profissão de tatuador e pra quem faz uso da tatuagem (MORAES, 2016), direcionando a quebra desses paradigmas e distorcendo essa previsão negativa. Impulsionando a uma característica normal e divertida para sociedade em geral, sendo conquistadas mais opiniões positivas dia após dia.

Referente ao mercado de trabalho, a liberdade e domínio no corpo fica limitada. Existindo preconceito pra quem tem tatuagem, justificando que o mercado de trabalho tem antipatia pela prática da tatuagem. Como estratégia as pessoas fazem tatuagem em locais que podem ser coberto pelo vestuário (VARELA, 2009). Esses estereótipos estão presentes no contexto social, assim como as adversidades que atrapalham essas pessoas denominadas fora do padrão natural e se dificultam a inclusão no mercado de trabalho formal (ALMEIDA; MOURA, 2015). Percebemos que a tatuagem ainda tem muito preconceito, atrapalhando alguns profissionais de entrar no mercado de trabalho.

4 METODOLOGIA

O referente artigo tem como objetivo analisar as percepções de tatuadores e tatuados na cidade de Picos-PI quanto aos estereótipos atribuídos ao uso de tatuagem no mercado de trabalho. O procedimento técnico utilizado para a realização da pesquisa foi o estudo de caso de caráter exploratório-descritivo e abordagem qualitativa. Conforme afirma Gil (2007), a pesquisa exploratória tem como função proporcionar maior intimidade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A pesquisa descritiva almeja apresentar os fatos e fenômenos de determinada realidade.

A utilização dos processos qualitativos busca explicar o porquê dos casos, demonstrando o que convém ser feito, mas não limitam os valores e as trocas simbólicas nem se sujeitam à prova de fatos, pois os dados analisados não são quantificáveis (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens permitindo a coleta de dados da história real, dos conhecimentos vividos e suas experiências, no qual é baseado na discussão de uma ligação entre os dados interpessoais e situações dos informantes, avaliados a partir da definição que estes dão aos seus atos (MICHEL, 2005).

No entender de Godoy (1995), o estudo de caso visa ao exame detalhado de um ambiente, de um sujeito ou de uma situação em particular. Amplamente usado em estudos de Administração, tem se tornado a modalidade preferida daqueles que procuram saber como e porque certos fenômenos acontecem ou dos que se dedicam a analisar eventos sobre os quais

a possibilidade de controle é reduzida ou quando os fenômenos analisados são atuais e só fazem sentido dentro de um contexto específico.

Foram utilizadas como técnicas de coleta dados: a) a entrevista adaptada um roteiro semiestruturado adequado por meio de perguntas abertas e com ajuda de um gravador de voz, a escolha dos entrevistados foi pautada com proprietários de estúdios de tatuagem e pessoas tatuadas, acertada por critérios de acessibilidade e disponibilidade e b) a observação não participante. Os sujeitos selecionados dispostos a participar do estudo assinaram também um termo de consentimento livre e esclarecido, posteriormente as entrevistas foram transcritas de maneira literal para preservar a integridade dos relatos. As entrevistas foram realizadas nos locais escolhidos pelos participantes, sendo a maioria efetuada dentro do próprio estúdio de tatuagem, ressalvando que foram entrevistados 08 pessoas tatuadas e 04 tatuadores em 02 estúdios de tatuagem.

Preferimos questões dissertativas porque permite uma maior liberdade para que o público alvo consiga se expressar adequadamente sobre sua experiência de vida. Para Triviños (1987) a entrevista semiestruturada tem como particularidade questionamentos simples que são apoiados em doutrinas e hipóteses que se ajustam ao tema da pesquisa. Essas questões sucederam frutos a novas hipóteses aparecidas a partir das respostas dos informantes. Para Manzini (2012), a entrevista semiestruturada está centrada em um conteúdo sobre o qual fabricamos um roteiro com perguntas fundamentais, complementadas por outras questões próprias às realidades momentâneas à entrevista.

Foi realizada também a observação não participante. Os métodos de observação são aplicáveis para a apreensão de comportamentos e acontecimentos no momento em que eles se produzem, sem a interferência de documentos ou pessoas. A observação atenta dos detalhes coloca o pesquisador dentro do cenário de forma que ele possa compreender a complexidade dos ambientes psicossociais, ao mesmo tempo em que lhe permite uma interlocução mais competente (ZANELLI, 2002).

No capítulo de resultados a apresentação dos sujeitos nos depoimentos foi codificada da seguinte forma: utilizaremos a expressão TR para tatuador, TRA para tatuadora seguidos da numeração de 01 à 04 e usaremos a expressão TO para o cliente tatuado e TA para a cliente tatuada seguidos da numeração de 01 à 08 facilitando o entendimento dos relatos.

A análise dos dados foi elaborada com base na técnica de análise de conteúdo. Segundo Michel (2005), a análise de conteúdo é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos, procurando ver e avaliar, em maior profundidade, a conexão das respostas, a lógica, a coerência, a fidedignidade dos dados obtidos, eventuais distorções e omissões voluntárias entre outros.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente capítulo abordamos os dados das entrevistas realizadas com tatuadores e pessoas tatuadas, esboçando o perfil das duas categorias e analisando a relação da tatuagem com a vida profissional dos sujeitos.

5.1 O perfil dos sujeitos abordados

A princípio abordamos os dados oriundos das entrevistas realizadas com tatuadores e seus clientes. O grupo de entrevistados reside na cidade de Picos-PI, compostos por 04 sujeitos, a partir disso observamos como se caracteriza o perfil dos grupos estudados.

No Quadro 1, podemos analisar o perfil socioeconômico dos tatuadores na cidade de Picos.

Quadro 1 – Características socioeconômicas dos tatuadores em Picos

Sujeito	Idade	Sexo	Escolaridade	Renda (Salários)	Outra Renda	Naturalidade	Estado Civil
TR1	35	H	Ens. Fundamental	+ 5	Sim	Picos	Casado
TR2	25	H	Ens. Médio	+ 1	Não	Juazeiro do Norte	Solteiro
TR3	22	H	Ens. Médio	+ 2	Sim	Picos	Solteiro
TRA4	30	M	Ens. Médio	+ 2	Sim	Picos	Casado

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Conforme pudemos observar no Quadro 1, a faixa etária dos tatuadores varia entre 22 e 35 anos, percebemos que são tatuadores jovens, começaram sua atividade profissional muito cedo, os quais três são homens e apenas um é mulher, o que mostra uma disparidade em relação ao gênero na cidade de Picos.

Essa disparidade de gênero persiste em outras regiões do Brasil, onde denota-se que a sociedade mantém esse padrão com percentual dominante masculino. Na reportagem do jornal O Dia (2017), as tatuadoras ainda encontram um contexto de machismo, justamente pelo número de profissionais tatuadores serem mais homens. Fazendo com que elas encontrem dificuldades para se inserir no mercado de trabalho da tatuagem, a própria sociedade apresenta o estereótipo de que ao se tatuar, preferem fazer essa tatuagem com homens, porque o tradicional é o público encontrar mais homens do que mulheres como tatuadores. Osório (2005) também confirma que o maior público entrevistado como tatuadores são homens.

Conforme Moraes et al. (2016), a mais nova geração de tatuadores destacam-se muitos jovens com trajetórias universitárias de sucesso, com formação superior em escolas de belas-artes. Notamos que um tatuador possui apenas ensino fundamental e os outros três concluíram o ensino médio. Os Fragmentos 01 e 02 reforçam a existência dos estereótipos no qual “o enquadramento social de indivíduos que não condizem com seus comportamentos, experiências de vida, valores ou maneira de pensar e viver geram preconceito” (MIRANDA, 2014 p. 218). O preconceito segue também um papel social: construir o dessemelhante como culpado pelos males e inseguranças daqueles que são iguais (SILVA, 2006):

(Fragmento 01) (...) Meu pai queria que eu fizesse faculdade que nem minhas irmãs, eu tenho uma irmã formando em RH, meu irmão é formado em química e eu sou o único que não sou formado, minha outra irmã já vai se formar em física, só que meu pai queria que eu fizesse faculdade. Eu disse: não pai eu quero estudar o desenho e tudo mais (...) (TR2).

(Fragmento 02) (...) Mãe eu vou fazer um curso de tatuagem, aí ela: rapaz porque que tu não vai fazer um curso melhor de segurança que teu tio te bota na empresa, eu disse: não, vou fazer de tatuagem, peguei, joguei a mochila nas costas e fui (...) (TR3).

Podemos perceber que nenhum dos tatuadores têm curso superior, pois na percepção deles o importante é ser um tatuador profissional o mais rápido possível, no entanto verificamos também que eles tiveram que fazer cursos específicos para facilitar a entrada no mercado, aperfeiçoando suas técnicas e desenhos para oferecer o melhor aos seus clientes na cidade de Picos-PI. A diversificação da tatuagem vem fazendo com que os profissionais se preparem e sejam conectados às mais novas técnicas e práticas profissionalizantes do mercado. A necessidade de fazer cursos de capacitação, aperfeiçoamento e atualização de conceitos e parâmetros vem se tornando uma realidade no país.

Analisamos também a fonte de renda advinda da tatuagem, onde um tatuador ganha mais de um salário, dois tatuadores arrecadam mais de dois salários e um tatuador lucra mais de cinco salários. Esse questionamento foi feito apenas para a renda média do salário mensal apurado com a profissão de tatuador:

(Fragmento 03) Quando eu bati em cima da tecla viram que essa é uma profissão, viram que eu não sou um médico, mas posso ganhar igual a eles. Acho que hoje aceitaram se não aceitaram também (...) **(TR1)**.

(Fragmento 04) (...) Acabou que eu virei tatuador, ele (Pai) não botava fé, achava que era só esporte, essas coisas, aí ele estava sentado numa mesa assim, precisando de dinheiro, eu cheguei e dei R\$ 200,00 reais pra ele. Pai perguntou “você arrumou esse dinheiro onde?”. Eu disse “tatuagem”, aí hoje todo canto que ele vai, ele tem o maior orgulho de dizer que tem um filho tatuador e meus irmãos que são formados ele nem lembra **(TR2)**.

Identificamos nesses Fragmentos que a renda auferida pelas tatuagens é bem maior do que realmente eles afirmam receber. Na observação não participante percebemos que, quando falado em salários, os entrevistados têm receio de alegar o real valor do que ganham. Com isso entendemos que o empreendimento é bem rentável e compensador para quem o adere. Outro fator importante percebido nos Fragmentos e útil para a compreensão do fator renda é a variabilidade de clientela e do tipo de serviço prestado, não havendo uma quantidade ou receita fixa para ser definida como renda mensal. Correlacionado à escolaridade e renda podemos analisar que a profissão de tatuador tem um rendimento alto mesmo não obtendo curso superior.

Mesmo os tatuadores ganhando bem eles comentam exercer outra atividade: três tatuadores trabalham em mais especialidades, enquanto apenas um tatuador trabalha exclusivamente com tatuagem. No entanto, a atividade principal é a tatuagem, o que reforça que os estúdios de tatuagem são a principal fonte de renda, e mesmo os que obtêm outra profissão, como: proprietário de bar, instrutor de capoeira e cantora, na observação não participante compreendemos que são ocupações tidas como diversão, *hobbies*, notamos que também se enquadram como atividades de prestação de serviço.

Ainda sobre o Quadro 1 no que diz respeito ao estado civil constatamos que dois tatuadores são solteiros e os outros dois são casados. Verificamos que todos trabalham na cidade de Picos, porém o TR3 mora em Juazeiro do Norte, mas trabalha na modalidade *delivery*, ou seja, por encomenda de *tattoo* e vem a Picos mensalmente atender pedidos de seus clientes, fazendo parceria com um dos estúdios picoenses.

Em relação ao início da profissão os entrevistados apontados iniciaram por já se identificarem com a modificação corporal de alguma forma, como visto nos Fragmentos 05, 06 e 07:

(Fragmento 05) Quando realmente eu comecei comparar alguns desenhos, quando eu comecei a ver que eu poderia chegar naquele profissionalismo que eu já vi muitos tatuadores. Aí eu pô coloquei na cabeça que agora eu vou ser um profissional, agora eu sou um profissional **(TR1)**.

(Fragmento 06) (...) Eu desenho desde os 11 anos, na verdade meu sonho era ser desenhista da Disney, só que aí eu fui desenhando encontrei a tatuagem e aí acabou que eu sou tatuador (...) **(TR2)**.

(Fragmento 07) Foi através do marido, porque ele é de Mossoró no Rio Grande do Norte, ele trabalhava lá, aí depois ele veio pra cá, e aí ele me passou e me ensinou e a gente continuou aqui **(TRA4)**.

Como citado pelas entrevistadas, os tatuadores se afeiçoaram a prática por desejos próprios. O TR2 sonhava em ser desenhista e a tatuagem foi uma forma dele expressar suas criações; já a TRA4 foi influenciada pelo marido obtendo ensinamentos e técnicas através dele, mas vale ressaltar que antes mesmo dos entrevistados virarem tatuadores, os mesmos já amavam a tatuagem. Isso se confirma pelo fato de que eles fizeram suas tatuagens muito jovens, em sua maioria menor de idade.

Em relação ao público dos tatuadores, notamos que dois tatuadores atendem o público em geral e dois tatuadores atendem mais mulheres, exposto no Fragmento 08 e 09:

(Fragmento 08) Todo tipo, branco, negro, homem, mulher, homossexual, idoso, jovem só não tatua criança. Adolescente vem muito perguntar. “Tem quantos anos?”, “Tenho 15”, “Não pode fazer”. Só com 17, com autorização dos pais (TR3).

(Fragmento 09) O meu público são mais mulheres... por conta dos maridos, namorado ciumento. O marido não aceita porque quando é íntima aí já quer que seja com uma mulher, aí é mais mulher do que homem (...) (TRA4).

Percebemos que alguns fatores direcionaram a TRA4 a entrar nesse segmento, pois os clientes buscam uma tatuadora para realizar tatuagens íntimas, diminuindo constrangimento com o profissional e brigas com parceiros. As mulheres, por vezes, assumem esta profissão em um contexto de machismo, quando os parceiros de mulheres tatuadas não permitem que suas companheiras sejam tatuadas por homens, para O Dia (2017) ser uma tatuadora não era comum entre as mulheres. Alguns clientes ainda têm dificuldade de reconhecer a mulher como profissional da área. Está enraizado, as pessoas não percebem o machismo. Vários tatuadores possuem atividades diferenciadas e exclusivas o que proporciona uma satisfação e encantamento dos seus clientes, devido fornecer um trabalho privilegiado e único (DIAS, 2014).

Quanto ao perfil socioeconômico das pessoas que são tatuadas, podemos verificar no Quadro 2 abaixo:

Quadro 2 – Características socioeconômicas de tatuados em Picos

Sujeito	Idade	Sexo	Estado Civil	Escolaridade	Profissão
TA1	21	M	Solteira	Ens. Superior	Designer de moda e secretária
TO2	24	H	Solteiro	Ens. Superior	Fisioterapeuta
TO3	20	H	Solteiro	Ens. Fundamental	Desempregado
TO4	39	H	Solteiro	Ens. Médio	Vigilante
TA5	24	M	Casada	Ens. Médio	Vendedora
TO6	33	H	Casado	Ens. Médio	Paisagista/autônomo
TO7	21	H	Solteiro	Ens. Médio	Auxiliar supermercado
TO8	20	H	Solteiro	Ens. Superior	Técnico de análises clínicas

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Assim com exposto no Quadro 2, as entrevistas foram realizadas com 08 sujeitos que possuem tatuagem. Os tatuados entrevistados são em sua maioria homens, porém esse resultado difere da realidade vivida em outros estados, para Osório (2005) no que diz respeito aos clientes o maior público são mulheres, o que se confirma também em Varela (2009), onde sua pesquisa assume o mesmo resultado – 73% do entrevistados são mulheres e 50% destas são muito jovens, como percebemos, a cidade tem comportamentos distintos de outras

localidades, implicando esse resultado diferente, ou até mesmo pelo fato da disponibilidade dos clientes entrevistados durante a aplicação do roteiro. Dentre eles, seis são homens e dois são mulheres. Todos eles moram na cidade de Picos-PI e percebemos que a disparidade em relação ao sexo continua alta comparado com o Quadro 1 dos tatuadores.

No contexto histórico envolve o argumento que a tatuagem foi desenvolvida como uma prática fundamentalmente masculina, abrangendo a cultura significativa para quem aderisse à tatuagem, como: audácia, bravura, força, entre outro, mas com o passar do tempo à tatuagem foi popularizada atingindo diversos públicos, classes sociais, sexo, de diferentes idades, essa mudança encadeada de ter tatuagem como sexo masculino com variação de 60% superior ao sexo feminino nos anos de 1996 e 1997 cai profundamente no século XXI, pois com pouco tempo as mulheres invadem esse novo cenário, tornando-se as maiores consumidoras da prática de tatuar-se (FONSECA, 2003).

A faixa etária dos tatuados dentre eles varia de 21 a 39 anos, Varela (2009) afirma que 84% do público entrevistado são pessoas de 20 a 30 anos, Dias (2014) e Barros (2014) também afirmam que seu maior público entrevistado de jovens, isso mostra que o maior consumo da tatuagem é feito por jovens, confirmando que o público é fortemente de jovens buscando essa modificação corporal, para demarcar a sua independência ou mesmo por questões estéticas, porém isso vem sendo modificado aos poucos, pois pessoas de mais idades também estão aderindo a esta prática.

Mendonça e Silva (2007) mostram que é preciso entender o que os jovens pensam sobre o uso da tatuagem, como eles escolhem o desenho, qual sua importância e particularidade para cada tatuagem aderida, indagando a opinião familiar e social na vida dos tatuados. Tendo como resultado da pesquisa de Mendonça e Silva (2007) 67% dos entrevistados é jovem, onde estes afirmam sentirem discriminados pela sociedade por terem tatuagens.

Podemos salientar ainda sobre o Quadro 2 que seis dos entrevistados são solteiros, dois são casados e todos os sujeitos entrevistados ainda moram com os pais. Analisamos que seis tatuados têm familiares que possuem tatuagem e dois tatuados não possuem parentes com tatuagens, apenas amigos tatuados. Em relação à escolaridade, um tatuado obteve ensino fundamental, quatro obtiveram ensino médio e três concluíram o ensino superior. Foram entrevistados tatuados de poder aquisitivo e lugares diversos, com profissões bem distintas de diversas categorias profissionais, tais como designer de moda, secretária, fisioterapeuta, vigilante, vendedor, paisagista, auxiliar de supermercado e técnico de análises clínicas, evidenciando a diversidade e as particularidades das pessoas que buscam a tatuagem.

Em relação à realização da primeira tatuagem, observamos que os tatuadores tiveram sua primeira tatuagem entre 14 e 19 anos, enquanto os tatuados fizeram entre 15 e 22 anos, o que explica que o desejo de se tatuar vem da adolescência, mostrando um poder de independência e manifestando o que pensam. No Fragmento 08 acima é destacado o anseio de adolescentes para realizar sua primeira marca corporal. Os dados apontam também que alguns dos sujeitos realizaram tatuagens ainda sem atingir a maioridade, demonstrando a atuação antiética e imprudente dos profissionais. Segundo o projeto de lei N.º 4.298, de 2012 Art. 1º, os estabelecimentos comerciais, profissionais liberais, ou qualquer pessoa que aplique tatuagens permanentes em outrem, ainda que a título não oneroso, ficam proibidos de realizarem tal procedimento em menores de 16 anos de idade, ainda que com autorização dos pais ou responsáveis. No caso dos profissionais entrevistados, alguns tatuadores agem com a ética e fazem seu trabalho somente em indivíduos maiores de idade, que já se responsabilizam por seus atos. Outros profissionais abrem exceção para jovens de 17 anos, sob autorização dos pais, enquanto outros só fazem estritamente em maiores de idade. Esta é uma convenção entre os próprios profissionais, diminuindo o risco de problemas advindos de seu trabalho, pois uma tatuagem tem cunho definitivo.

Quanto ao local escolhido da primeira tatuagem é bem variado. Percebe-se que grande parte dos entrevistados realizou sua primeira tatuagem por fatores como moda, achar legal, destacar-se como adolescente, ou mesmo por exibicionismo, como relatado nos Fragmentos 10, 11, 12 e 13:

(Fragmento 10) Coisa de adolescente, seguir moda (**TO2**).

(Fragmento 11) Motivação eu achava legal nos outros e sempre tive vontade (**TO6**).

(Fragmento 12) A primeira que eu tive foi porque a gente estava jogando campeonato, aí fiz uma promessa que se a gente ganhasse eu ia fazer uma tatuagem, aí a gente ganhou (...) (**TR3**).

(Fragmento 13) Há sempre fui fissurado por tatuagem, sempre gostei (**TO7**).

Identificamos que a maioria dos depoimentos mostra que, tanto para os tatuadores como para seus clientes, o motivo é praticamente o mesmo, ter tatuagem é legal, coisa de adolescente, seguir moda, promessa de adolescente. Com isso, podemos entender o porquê das primeiras tatuagens serem realizadas ainda jovens, que mesmo menores de idade já sentem essa grande vontade de tatuar-se. O que pode ser compreendido como tatuagem é o resultado da inserção de pigmentos na pele, gerando um desenho, mas também é significação e socialização.

5.2 Cotidiano e desafios da tatuagem no mercado de trabalho

Nesta seção abordaremos as percepções dos entrevistados sobre os desafios enfrentados sobre a tatuagem, o que os entrevistados pensam da tatuagem, como se sentem no trabalho e na vida social e outros fatores relacionados às suas atividades.

Notamos que a religião tem um significado importante na vida profissional de alguns tatuadores, pois dois tatuadores seguem uma religião e demonstra o quanto esse fator influenciou no início da sua carreira; já os outros dois não seguem nenhuma religião, abaixo podemos verificar nos Fragmentos 14 e 15:

(Fragmento 14) (...) Minha primeira tatuagem foi um castiçal de 07 taças (...). Porque eu sou cristão, o castiçal representa a volta de Cristo, que são as sete igrejas do Apocalipse, aí tem a primeira tatuagem tem que ser em relação a alguma coisa cristão... Meu pai, que é diácono de uma igreja, tem tatuagem (...) (**TR2**).

(Fragmento 15) (...) Quando eu vou cantar, tem lugares que eu vou com uma blusa de mangas cobrindo porque eu me sinto mal, porque eu vejo o jeito que o pessoal me olha, às vezes também lógico que na igreja eu faço porque eu quero, quando eu vou na igreja eu já coloco cobrindo (**TRA4**).

Percebemos que no Fragmento 14 o TR2 fez sua primeira tatuagem com um ideal religioso, expressando o quão importante é a religião na sua vida. Já no Fragmento 15 aponta uma perspectiva diferente a TRA4 sente-se diminuída em alguns lugares por conta de suas tatuagens e esse constrangimento faz com que a TRA4 chegue ao ponto de cobrir os braços com blusa de manga comprida, não somente no ambiente físico denominado igreja, mas até mesmo para cantar, esse desconforto reflete a postura das pessoas em sua volta, a forma como as pessoas olham ou aborda ela. Analisamos o quanto a religião influencia de maneira diferente, pessoas diferentes. A religião pode ter conotações distintas dependendo de como o indivíduo a encara em si e como sua constituição social.

Dentre os tatuados, quatro entrevistados não possuem nenhuma religião, três são católicos e um é evangélico. Nesse caso, a maioria não passou incômodos referentes à religião. A TA1, que é evangélica, já afirmou que apenas frequenta a igreja, porém não é batizada e por isso não se sente mal, porém o TO7 demonstra uma rejeição referente à religião visto no Fragmento 16:

(Fragmento 16) Acho uma coisa chata, Picos a maioria é evangélico que acaba criticando demais, que é contra Deus, tatuar é contra Deus, a maioria só vê pelo lado da religião e outras por medo mesmo do que a sociedade vai pensar em relação à tatuagem **(TO7)**.

Na observação não participante identificamos o desconforto sentido pelo entrevistado em relação a possuir uma tatuagem, durante a entrevista com o TO7 este demonstrou sentimento negativo em relação à religião. Essa exclusão implícita causada por olhares, murmúrios e questionamentos dentro de um ambiente específico faz com que gere um desconforto em pessoas tatuadas, afastando-as da igreja, enquanto que o papel da igreja deveria ser o contrário: aproximar as pessoas, mesmo com suas diferenças, principalmente as estéticas, que em nada interfere no caráter de cada um.

Observamos ainda a percepção familiar sobre a tatuagem e sobre o tatuador profissional. Para esses empreendedores inicialmente houve uma dificuldade de tornar seu sonho realidade, como vemos nos Fragmentos 17, 18 e 19:

(Fragmento 17) Eles começaram a torcer o nariz... Aí eu mandei todo mundo se lascar e fui fazer minha vida **(TR1)**.

(Fragmento 18) A percepção deles eu sempre fui a espalha brasa da família, eu sempre fui à ovelha negra **(TR2)**.

(Fragmento 19) Bem, já mãe é mais tatuada que eu. Ela já tinha tatuagem mais não deixava eu fazer, mas já ela não tem frescura com tatuagem, já tem minhas tias, meus tios quando eu fiz essa grande que cobriu o antebraço, assim que minha tia viu, que é mais apegada a nós: “porque você fez isso? Não vai arrumar emprego mais em lugar nenhum”, eu respondi: “não, mas o que eu quero da minha vida eu já decidi, vou ser tatuador e vou encher meu corpo” **(TR3)**.

Como citado nas entrevistas, as percepções familiares de se tatuar e de ser um tatuador são muito criticadas. Os familiares não aprovam, achando que isso será desvantajoso para quem utiliza, principalmente em relação ao mercado de trabalho. Cria-se um pensamento negativo, mesmo conhecendo muito bem o tatuador, como os próprios pais. No Fragmento 19, o TR3 informa que não teve problema com sua mãe porque ela já tinha tatuagem; o desconforto surgiu com os demais familiares. Esta realidade não é diferente para os tatuados, principalmente sobre a primeira tatuagem. Vejamos nos Fragmentos 20, 21, 22 e 23:

(Fragmento 20) O primeiro recebi muito preconceito, principalmente por parte de pai e de mãe (...). Agora a outra parte da família não entendia muito, não aceitava, principalmente o pessoal mais velho **(TO2)**.

(Fragmento 21) Meus familiares ficaram chateados, ficaram aborrecidos **(TO4)**.

(Fragmento 22) Alguns familiares alguns não concordavam por conta de achar do preconceito, da marginalidade da tatuagem, da pessoa desocupada ou numa palavra mais, mais correta, meu, que vagabundo, muitos, alguns dos meus familiares não concordavam, mas alguns achavam bonito, me elogiavam davam parabéns **(TO6)**.

(Fragmento 23) Para meus familiares é coisa de bandido, meus amigos também, meus amigos a maioria mesmo não gostam não **(TO7)**.

Podemos perceber os pais e parentes próximos implicam muito sobre as modificações corporais como a tatuagem, demonstrando uma crítica negativa visualizada nos Fragmentos 20 a 23 para quem adere à prática de se tatuar. O depoimento específico do TO3, que afirma “Minha mãe e meu pai não diz nada, mas agora minha vó, mano, ela pega no pé. Meus amigos acham legal”, é um caso semelhante ao do TR3, no Fragmento 19 por ter aceitação direta dos pais, ficando a crítica por conta de outros parentes.

A justificativa de a família ter uma opinião contra a decisão de fazer uma tatuagem está mais pautada por questão de princípios morais (VARELA, 2009). A forma que somos educados, disciplinados e preparados referentes à cultura social direciona o sujeito a uma idealização desta identidade sobre a tatuagem, se caracterizando enquanto uma linha permanente no desenvolvimento deste indivíduo que se utiliza da tatuagem enquanto um enfoque do seu eu (DIAS, 2014).

Com o tempo, essa crítica negativa de possuir tatuagem é quebrada para alguns d’ eles, mas observamos que isso não acontece para todos. De acordo com a mudança de opinião familiar sobre a tatuagem, dois tatuadores têm uma visão positiva de seus familiares, já os outros dois ainda permanecem tentando conquistar seus parentes. Dentre os tatuados, cinco deles conseguiram mudar a opinião familiar, mas três tatuados a opinião continua negativa, mesmo depois de algum tempo como listado no Fragmento 24, 25 e 26:

(Fragmento 24) Viram que eu não sou um médico, mas posso ganhar igual a eles, acho que hoje aceitaram. Se não aceitaram também eu estou longe deles, pra mim família não influencia em nada (...) **(TR1)**.

(Fragmento 25) No começo minha mãe não (...) até hoje ela não gosta pra falar a verdade, mas no começo ela brigava. Mas aí hoje quando eu apareço com uma tatuagem nova ela já nem liga mais. Já não é nem novidade **(TRA4)**.

(Fragmento 26) Os amigos não tem preconceito, é aquela coisa, não tem a ver com a vida deles, então tá de boa, agora os meus pais, eles têm preconceito ainda hoje, acho que nunca vão deixar de ter; e o resto da família, alguns apoiam e outros nem sabem **(TA1)**.

Vemos que o TR1 ainda tem dúvida de seus familiares aprovarem ou não sua profissão e suas tatuagens, mesmo ele demonstrando que a renda de ser tatuador é altíssima, embora não tenha concluído nem o ensino médio; ainda assim não tem a total aceitação da família em relação à tatuagem.

No Fragmento 25, a mãe da TRA4 teve que se acostumar, porém reprova mesmo depois de tanto tempo. Isso não é diferente apenas da profissão de tatuador, pois até mesmo os familiares de pessoas tatuadas não conseguem se acostumar e aceitar a tatuagem como algo comum, como apresentado nos Fragmentos 23, 24 e 26 acima, informando não somente essa desaprovação familiar, mas também de amigos. Relatam que alguns amigos reprovam e os que não criticam porque não se importam; mesmo assim alguns desses amigos desclassificaram o uso da tatuagem.

Atribuindo as consequências na interação social causado pela tatuagem, Mendonça e Silva (2007) apresentam que não existe uma diferença crítica para aqueles que tiveram um cuidado em relação à opinião dos outros, geralmente os sujeitos que se preocupam dedicaram uma tatuagem em homenagem ao ambiente familiar. A tatuagem está virando uma prática social, tornando-se cada vez mais habitual em diversos setores sociais, independente de gênero, idade ou status. Extinguindo uma visão de prática marginalizada e inserindo novos cenários sociais, ganhando outras definições (OSÓRIO, 2006).

Observamos que as pessoas não nascem com preconceito, a nossa formação, o nosso contato com a coletividade, a influência de valores que a sociedade determina vem de pessoas que passaram pela infância, que por sua vez foram criadas e que nos impõe isso tudo porque já está previamente definido (VARELA, 2009).

Diante das dificuldades enfrentadas com os familiares, os tatuados, em sua maioria, escolheram locais discretos no corpo para efetuar a primeira tatuagem conforme apontado nos Fragmento 27, 28 e 29:

(Fragmento 27) Eu queria colocar no braço, no antebraço, mas só que como eu pensei na família, também por causa do preconceito e tudo, meus familiares sempre falavam sobre tatuagem, reclamava não gostava, eu preferi colocar nas costas, mais pro lado familiar entendeu? **(TO4)**.

(Fragmento 28) Eu fiz na linha da cintura. O motivo porque ficava um pouco à mostra se tirasse a camisa, se não tirasse ela ficava escondida, por conta da família por conta da minha mãe, por isso eu a fiz meio que escondida (...) **(TO6)**.

(Fragmento 29) Nas costas porque é um local assim que não tem muita visibilidade do público e só mostra assim quando eu tiver num local fechado apropriado pra ficar sem camisa **(TO8)**.

Identificamos que, em sua maioria, os tatuados fizeram sua primeira tatuagem em um local escondido no corpo, evitando sofrer algum preconceito em sua convivência, mas não somente familiar. O TO8 quis se esconder do público, mostrando sua tatuagem apenas para pessoas de sua confiança, com quem se sentiria à vontade para mostrá-la fator que também tem influência no mercado de trabalho. Sobre este fato, Goffman (1975) ressalta que possíveis razões sobre a desaprovação familiar referem-se à aceitação do tatuado por parte da sociedade. O preconceito sofrido pelos tatuados é parte do imaginário da sociedade, pois o temor quanto ao mercado de trabalho ainda está associado ao senso comum.

O mercado de trabalho não aprova tatuagens visíveis em funcionários, baseando-se na reação dos clientes. A desaprovação por questões profissionais induzem estigmas designados para empregos, atrapalhando a interação entre os sujeitos, pois uma pessoa estigmatizada pode manter um distanciamento e postura em segredo do que pensa, tonando-se inseguro da sua própria habilidade, essas condenações se dão diante de estigmas sofridos através da sociedade (VARELA, 2009).

Portanto, em locais convencionais de trabalho e varejo, a tatuagem em lugares à mostra ainda é vista com maus olhos. Já para os tatuadores, o local escolhido para a primeira tatuagem foi exatamente onde eles queriam, como apresentado pelos Fragmentos 30 e 31:

(Fragmento 30) O local escolhido foi o antebraço porque toda vez que eu coçava a cabeça eu mostrava o antebraço, então eu ficava pensando em coçar a cabeça toda hora **(TR1)**.

(Fragmento 31) Na coxa, porque eu achava bonito **(TRA4)**.

Os tatuadores não estavam preocupados em esconder suas tatuagens, ao contrário, eles queriam mostrar que tinham uma tatuagem, que acham bonito e que pudessem representar sua personalidade através dos desenhos corporais, independente da opinião da família.

Uma das dificuldades enfrentadas pela profissão de tatuador são clientes que querem fazer sua primeira tatuagem, mas que sentem receio por diversos motivos. Dentre os principais motivos para esse sentimento estão: dor no momento da atividade; reprovação da sociedade; reprovação da família; medo de não gostar de um desenho que será definitivo; e

insatisfação. A partir dos dados coletados, notamos que a relação de tatuagem e trabalho para os tatuadores é positiva, a partir do Fragmento 32 e 33:

(Fragmento 32) É uma união perfeita, pra quem gosta pra quem faz *tattoo* um carinho mesmo, está sempre fazendo um desenho e outra a pessoa vai lembrar do tatuador o resto da vida (**TR1**).

(Fragmento 33) Trabalho com tatuagem, pra mim é o que eu escolhi é o que eu gosto de fazer, não atrapalha em nada (**TR3**).

Identificamos que, para os tatuadores, a relação tatuagem/trabalho é tida como uma união e não um problema, é a essência que cada tatuador tem, trabalhando e divertindo-se ao mesmo tempo, é ter prazer no que eles fazem. Os tatuadores demonstram muita alegria e satisfação em falar do trabalho com a tatuagem. No entanto, entre os tatuados, apenas o TO2 informa que “não, nada a ver, já foi do tempo” demonstrando que, pra ele, a tatuagem atualmente não atrapalha o trabalho. Os outros sete tatuados relatam:

(Fragmento 34) Aqui em Picos tem muito preconceito com relação à tatuagem, até aqui no meu trabalho. A menina que é a gerente, ela tem uma tatuagem, só que um dia chegou um rapaz perguntando se tinha emprego e veio deixar currículo e o rapaz todo tatuado (...). Ela começou a olhar estranho pensando que era um bandido, ela já não queria nem abrir a porta, eu abri conversei, aí ele disse que se tivesse algum emprego, e eu disse não, pode deixar que eu guardo o currículo, se precisar a gente chama (**TA1**).

(Fragmento 35) Muito, total relação. Porque a maioria tem preconceito, Picos é uma sociedade conservadora (**TO7**).

Analisamos que, referente ao mercado de trabalho, o estereótipo surge mesmo de pessoas tatuadas. O Fragmento 34 nos apresenta que uma gerente que tem tatuagem demonstrou preconceito com um rapaz que foi apenas pedir emprego, caracterizando, assim, que o preconceito social não vem apenas da sociedade externa, mas dos próprios adeptos à tatuagem. O TO7 afirma que a sociedade picoinense é muito conservadora e preconceituosa, esse estereótipo também é reforçado pelos outros depoimentos dos tatuados.

Levando em conta a quantidade de tatuagens corporais, elas variam entre 13 e 35 em cada tatuador e de 01 a 10 tatuagens em cada tatuado. Segundo Varela (2009, p. 27), “as pessoas que lidam com o público diretamente e que possuem tatuagens em áreas visíveis do corpo são as mais suscetíveis a sofrer algum tipo de estereótipo”. No Fragmento 15 descrito acima a TRA4 afirma que se sente mal em alguns ambientes, pela quantidade de tatuagens que ela possui, tentando esconder o máximo possível, esse constrangimento também é exposto pelos outros tatuadores que podemos verificar nos Fragmentos 36 e 37:

(Fragmento 36) Logo quando eu cheguei aqui o pessoal achava estranho porque eu tinha um cabelão, cheio de tatuagem, achava que eu era um extraterrestre, num era aquilo que eles estavam acostumados (**TR1**).

(Fragmento 37) A gente sempre passa por experiência desconfortável, porque nem todo mundo é acostumado a ver uma mulher, principalmente uma mulher cheia de tatuagem, ainda mais algumas minhas que são grandes (...). Olham estranho (**TA5**).

Como citado nas entrevistas, os tatuadores e tatuados demonstram que não são bem vistos, não se sentem incluídos, eles se sentem estigmatizados, diminuídos, menosprezados pelos olhares das pessoas. O TR2 afirma “eu já sofri muito preconceito, só que eu já aprendi a criar uma peneira, que eu ando na rua e não olho pros lados”. Os entrevistados modificam seu

comportamento para evitar olhares. Os contextos estão ligados a um medo de desaprovação por parte da sociedade e a prováveis estigmas, caracterizando uma situação de “aceitação” do indivíduo (GOFFMAN, 1975), como apontado anteriormente no Fragmento 15, em que a TRA4 em certos locais tentam cobrir ao máximo suas marcas corporais evitando alguma situação de constrangimento perante os olhares externos; e a TA5 sente-se constrangida pelo fato dos olhares de desaprovação, por possuir tatuagens grandes. A reprovação social para a tatuagem é tão forte e enraizada que até quem trabalha especificamente com tatuagens se sente constrangido a mostrar o seu corpo tatuado.

Em vez de enfrentar o estereótipo contra si, o indivíduo transforma uma aceitação involuntária em relação ao preconceito que sofre, mudando seu comportamento para que as outras pessoas sintam-se confortáveis, encobrendo informações da sua identidade social verdadeira, recebendo e aceitando um tratamento baseado em falsas suposições a seu respeito (GOFFMAN, 1891).

Questionamos se os entrevistados já teriam passado por alguma experiência desconfortável por possuírem tatuagens, onde quatro tatuados responderam que não, os outros quatro tatuados e todos os tatuadores responderam que sim.

(Fragmento 38) Varias todo mundo olha estranho (...). Todo mundo me interpreta diferente, porque eu sou uma pessoa totalmente meiga, totalmente tranquila e na hora que as pessoas veem a tatuagem elas têm uma, uma visão um pouco diferente, ficam com receio, mas com o passar do tempo elas vão se acostumando (**TA1**).

(Fragmento 39) Já sim (...). Com o meu patrão, uma viagem que eu fiz com ele e quando agente chegou a noite na cidade, a gente foi pra pousada, descansar para o outro dia a gente trabalhar, eu tirei a camisa e ele foi perguntou e era aquilo em minhas costas, eu fiquei sem jeito eu achei que ele ia dizer alguma coisa, ia reclamar alguma coisa, criticar sobre a tatuagem, mas não ele perguntou se eu usava tatuagem e eu disse que sim que usava e tudo (**TO4**).

(Fragmento 40) Já, na própria família acredita? Tem um pessoal na família que fala, oh fica só cantando, deixa de fazer tatuagem desse jeito, os mais de idade, com mais idade. Até porque na minha família só tem eu que tem tatuagem, a família toda só eu, aí é complicado, eu sou a ovelha colorida da família (**TRA4**).

O estereótipo vem de vários lados. Essas experiências desconfortáveis sentidas pelos entrevistados os deixam constrangidos, como para o TO4, que se envergonhou ao perceber que seu chefe não gostou muito de saber que ele tinha uma tatuagem, mesmo sendo em um lugar discreto no corpo. Já para a TRA4 a desaprovação familiar foi o que mais a incomodou.

Os tatuados informam que seus chefes sabem que eles têm tatuagem, alguns são os donos do próprio negócio e o TO3 encontra-se desempregado. Diante das análises realizadas, alguns chefes não comentam nada sobre a tatuagem e outros acham legal. Percebemos que dois tatuados são empresários autônomos, um está desempregado, três já possuíam tatuagens antes de entrar na empresa e dois não possuíam tatuagens antes de serem contratados.

(Fragmento 41) Não. Comentaram, no braço não, não podia ser visível não (**TO7**).

(Fragmento 42) Não. Mas aceitaram de boa (**TO8**).

No que diz respeito a funcionários fazerem tatuagem depois de serem contratados, a relação é bem variada. Alguns empregadores, conhecendo bem a função de seu colaborador, não se importam, até porque já o conhecem muito bem para isso. Em casos como o Fragmento 41 a empresa não admitiu de forma alguma que a tatuagem fosse visível, passando para o funcionário que isso transmitiria uma imagem ruim aos clientes. Numa conversa

informal com a TA5 ela afirma que o atual emprego é o primeiro que ela conseguiu aqui na cidade de Picos porque ela teve muita dificuldade em ser contratada pelo fato de suas tatuagens serem muito expostas, mas relata que a empresa é uma franquia e por isso é liberal em relação à tatuagem.

Essa relação da modificação corporal com a sociedade na percepção dos tatuadores tem melhorado ao passar do tempo, porém continua negativo para 03 tatuadores e apenas 01 tatuador acha mais aceitável no seu imaginário. Referentes a isso pedimos que eles comparassem a tatuagem numa visão social entre Picos e cidades grandes.

(Fragmento 43) (...) Picos vai ralar um pouquinho pra chegar até uma percepção de cidade grande, que a mente é mais aberta (TR2).

Notamos uma construção social da realidade porque a coletividade estabelece valores gerais, variado por questões de tempo, sendo reconstruído aos poucos. Segundo o TR2, cidade de Picos ainda é conservadora e preconceituosa, principalmente quando comparamos com experiências vividas pelos tatuadores referentes a cidades de grande porte. Novak (2012) retrata a importância da tatuagem como maneira de comunicar-se com o mundo por meio de significações retratadas nas marcas desenhadas na pele. Novak (2012) considera a prática da tatuagem uma das formas mais antigas de comunicação não verbal, sendo realizada até hoje, mesmo passando por diversas mudanças estéticas, conceituais e técnicas, tendo uma relevância não só na sociedade atual, mas histórica.

Com tantos estereótipos sofridos pela tatuagem pedimos para os tatuados comentarem o que eles pensam sobre o preconceito por quem possui tatuagem.

(Fragmento 44) Acho uma coisa chata, Picos a maioria é evangélico que acaba criticando demais, que é contra Deus, tatuar é contra Deus, a maioria só ver pro lado da religião e outras por medo mesmo do que a sociedade vai pensar em relação a tatuagem (TO7).

(Fragmento 45) Eu acho uma besteira isso aí, na minha opinião eu acho que são pessoas que tem vontade de fazer e não faz porque são bestas. Mas realmente existe preconceito, aqui e em todos os lugares (TO8).

Esse desabafo não traduz somente a realidade do TO7 e TO8, mas o fato de muitos picoenses que enfrentam olhares negativos, piadas, desaprovação familiar e constrangimento social, indagando o quão ridículos são pessoas com essa visão arcaica, enfatizando que isso não passa de tinta na pele. Os tatuados percebem que as pessoas olham para elas como se o simples desenho na pele alterasse o caráter, profissionalismo e competência. Esse pensamento atrapalha o convívio, as relações profissionais e sociais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho tivemos como objetivo de analisar as percepções de tatuadores e tatuados na cidade de Picos-PI quanto aos estereótipos atribuídos ao uso de tatuagem no mercado de trabalho. Nesse sentido, investigamos, identificamos e analisamos como os estereótipos relacionados à tatuagem interferem na atuação profissional das pessoas de modo a apresentar o cotidiano de tatuadores e tatuados, o que foi feito mediante a realização de um estudo qualitativo baseado em entrevistas individuais.

A partir dos dados coletados, observamos que os tatuadores amam seu trabalho e estão muitos satisfeitos com sua profissão, demonstrando o quão rentável pode ser este trabalho, passando a contribuir significativamente com a renda familiar, ainda que nenhum tatuador tenha curso superior. Os tatuados também evidenciam estarem satisfeitos, embora deixem

transparecer que sofrem preconceito da coletividade, principalmente em grupos sociais como a religião.

Percebemos que os primeiros desejos de ter uma tatuagem vêm da adolescência, mas quando os sujeitos vão escolher o local para realizar sua tatuagem eles já começam a dar sinais de que podem sofrer estereótipos, escolhendo pontos do corpo que podem ser cobertos para evitar algum desconforto.

Apesar da tatuagem está se tornando algo comum, o olhar preconceituoso da sociedade ainda não foi modificado. Ainda não houve um trabalho de conscientização acerca do verdadeiro significado da tatuagem, que, mesmo que tenha um histórico ligado à marginalização, hoje traz mais que uma conotação de liberdade, independência e força de expressão corporal. A tatuagem pode ser determinada pela vontade de tornar-se mais belo e atrativo ou mesmo chamar a atenção para si. Mesmo assim, os olhares desconfiados, as perguntas constrangedoras devido à tatuagem à mostra ainda reforçam esse pensamento negativo acerca dessa arte corporal. O estereótipo cumpre também uma função social de construir o diferente como criminoso pelos males e segurança daqueles que são iguais (SILVA, 2006).

Essa construção social traz reflexos familiares, fortificando a reprovação da tatuagem, acarretando preocupações a entes mais próximos sobre o sujeito tatuado não conseguir um cargo ou trabalho em destaque só pelo fato dele ser tatuado. Através desse estigma os tatuados começam a sofrer estereótipos de várias modalidades, através de um simples olhar até mesmo palavras de preconceito e discriminação. “As atitudes de preconceito desenvolvem-se no processo de socialização que é fruto da cultura e da sua história” (SILVA, 2006, p. 424).

A sociedade tem autonomia e normas que se enquadram em padrões pré-estabelecidos, um corpo todo tatuado foge dessa regra, adequando o mercado de trabalho a essa linha estigmatizada, levando os indivíduos a realizarem sua tatuagem em locais menos visíveis. Como tática escondem a tatuagem. Valera (2009) relata que o mercado de trabalho não admite tatuagens visíveis em funcionários, fundamentando-se na objeção do público. O corpo que seja bastante tatuado é visto no comércio como agressivo e grotesco. A maior parte das empresas picoenses estarem voltadas a essa cultura refere-se a estereótipos predefinidos pela sociedade, onde mostrar a tatuagem pode inferir uma visão negativa para seus clientes.

Notamos que os funcionários, ao revelarem que têm tatuagem, já se preocupam em ressaltar que sua marca corporal está em local coberto, como uma justificativa para garantir sua estabilidade na empresa e não o que ele realmente tem de importante a fornecer, como a sua desenvoltura profissional. A expressão corporal tem se tornando cada vez mais comum, mas a luta contra estereótipos está só começando. Ser e levar o novo assusta o tradicionalismo e arranca críticas a quem o adere.

A sociedade se encontra numa fase de transição de conceitos, atitudes e preconceitos em relação à tatuagem. Os tatuadores vêm desmontando os estereótipos através do seu trabalho bem formulado e destacando-se como profissionais respeitados, e os tatuados vêm, aos poucos, resistindo às normas preestabelecidas pelo mercado de trabalho. Constatamos também a ínfima quantidade de estudos sobre o preconceito no mercado de trabalho. Nesse sentido, ressaltamos a necessidade de continuidade de pesquisas acerca desta temática por meio da investigação de outros atores sociais, sugestões para possíveis estudos à percepção geral e estudos em outras cidades do Piauí.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. B.; MOURA, J. N. S. C. **Trabalho Sexual: perspectivas cotidianas de mulheres e travestis atuantes em Picos-PI e macrorregião.** Picos – PI. 2014. CD – ROM. Monografia (Bacharelado em Administração) Programa de Graduação em Administração, Universidade Federal do Piauí, Picos, 2015.

BARROS, S. G. **Tatuagem e Construção de Identidade em Piriquetes.** 2015. 169 f. Tese (Doutorado em Design e Ergonomia) Programa de Pós Graduação em Design e Ergonomia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

BERGER, P. T.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** 24. ed. Lisboa: Dinalivro, 2004.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de Lei N.º 4.298.** Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1021346.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

COIMBRA, K. E. R.; PACHECO, W. M.; SARAIVA, L. A. Além de Estereótipos Profissionais: o cotidiano de trabalhadores de sex shops. **Gestão & Regionalidade**, v. 30 – n. 90, p. 104-120, set.-dez./2014.

DIAS, T. M. O. **Tinta e Dor: a prática da tatuagem na construção da identidade.** Mossoró – RN, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2014.

ETHOS, I. **Como as Empresas Podem (e Devem) Valorizar a Diversidade.** 1. ed. www.ethos.org.br, 2000.

FONSECA, A. L. P. **Tatuar e Ser Tatuado: etnografia da prática contemporânea da tatuagem, estúdio: Experience Art tattoo – Florianópolis – SC.** 2003, ..f. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GODOY, A. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, mai./jun.1995.

GOFFMAN, Erving. **Estigma.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. **Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4. ed., 1891.

JORNAL O DIA. **Tatuadoras contam que ainda sofrem muito com o machismo.**

Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/d-mulher/2017-01-07/tatuadoras-contam-que-ainda-sofrem-muito-com-o-machismo.html>> Acesso em: 06 fev. 2017.

MANZINI, E. J. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percurso - NEMO Maringá**, v. 4, n. 2 , p. 149- 171, 2012.

MENDOÇA, B. L.; SILVA, M. M. **Motivação e representações simbólicas no comportamento de tatuar-se:** um estudo analítico. Projeto de Iniciação Científica. 2007.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 2005.

MIRANDA, A. R. A. **Gestão da diversidade e inclusão de minorias:** desigualdades, preconceito e discriminação no setor bancário. 2014. 244 f. Tese (Doutorado em Administração) Programa de Pós Graduação em Administração, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2014.

MORAES, R.R.; MULLER C.P.; TOMAIN, I.R.; WAGNER, E.M.; OLIVEIRA, C.F.; BARCELLOS, L.B.; VIEIRA, K.M. **Tatuar-se:** a ascensão da tatuagem como expressão artística, Escola Superior de Propaganda e Marketing-Sul, Porto Alegre, 2016.

NOVAK, P. S. **A tatuagem com sistema semiótico da cultura,** Monografia (Bacharelado em Comunicação Social)) Programa de Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

OSÓRIO, A. **O Gênero da Tatuagem:** pensando masculino e feminino em estúdios no Rio de Janeiro, tese (Doutorado em Antropologia) Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PEREIRA, M. E. **Psicologia social dos estereótipos.** São Paulo: EDU, 2002.

ROCHA, G. **A Arte da tatuagem:** a atividade ganha admiradores e supera antigos preconceitos. Rio de Janeiro – RJ, PUC, 2009.

SANTORO, E. Estereótipos, preconceitos e políticas migratórias, **Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD)**, Università degli Studi di Firenze. Itália), 2014.

SARAIVA, L. A. S. Além dos estigmas profissionais. In: FREITAS, M. E.; DANTAS, M. (Org.). **Diversidade sexual e trabalho.** São Paulo: Cengage Learning, 2011.

SILVA, L. M. O estranho causado pela deficiência, preconceito e experiência. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 424-434, set/dez. 2006.

SOUZA, H.A. **Os Estereótipos Sociais:** instrumento para a construção de identidades. Recife – PE, Universidade Federal do Pernambuco, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VARELA, K. D. M. **O Preconceito da Tatuagem no Mercado de Trabalho,** Monografia (Bacharelado em Antropologia), Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

ZANELLI, J. C. Pesquisa Qualitativa em Estudos da Gestão de Pessoas. **Estudo de Psicologia**, Santa Catarina, v. 7, p. 79-88, 2002.

APÊNDICE A– ROTEIRO DE ENTREVISTA COM TATUADORES

1. Idade
2. Sexo
3. Escolaridade
4. Ocupação/ Profissão (Cargo ou função/ Há quanto tempo)
5. Média de Renda (salários mínimos)
6. Cidade?
7. Com quem mora?
8. Estado civil (solteiro (a), casado (a), viúvo (a), divorciado (a), companheira (o))
9. Segue alguma religião?
10. Quantas tatuagens você possui?
11. Com que idade você fez sua primeira tatuagem? Relate como foi/ quais suas motivações? Qual o local escolhido e por quê?
12. Qual a percepção de seus familiares sobre sua(s) tatuagem (ns)? E seus amigos?
13. Como você iniciou na profissão de tatuador? (Motivações) Qual a opinião de sua família na época? Houve alguma mudança?
14. Qual o perfil do seu público? (homens/mulheres; jovens/adultos)
15. Como você vê a relação da tatuagem com a sociedade? Como você caracteriza a cidade de Picos em relação a outras cidades quanto às percepções sobre tatuagem?
16. E a relação-trabalho?
17. Quando pessoas vão realizar sua primeira tatuagem você já notou algum tipo de receio?
18. Quais as principais dificuldades do seu trabalho?
19. Já sofreu preconceito em função de possuir/ trabalhar com tatuagens?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM TATUADOS

1. Idade
2. Sexo
3. Escolaridade
4. Ocupação/ Profissão (Cargo ou função/ Há quanto tempo)
5. Média de Renda (salários mínimos)
6. Cidade?
7. Com quem mora?
8. Estado civil (solteiro (a), casado (a), viúvo (a), divorciado (a), companheira (o))
9. Segue alguma religião?
10. Quantas tatuagens você possui?
11. Com que idade você fez sua primeira tatuagem? Relate como foi/ quais suas motivações? Qual o local escolhido e por quê?
12. Qual a percepção de seus familiares sobre sua(s) tatuagem (ns)? E seus amigos?
13. Você tem parente (s) ou amigo (s) que possuem tatuagens?
14. Você já passou por alguma experiência desconfortável depois que fez a tatuagem? Caso tenha passado, relate como foi
15. Seus colegas de trabalho e seu chefe sabem que você tem tatuagem? Se sabem, o que acham?
16. Quando você foi contratado pela atual empresa já tinha tatuagem? Se seus colegas e seu chefe não sabem que você tem tatuagem e eles descobrissem o comportamento no ambiente de trabalho mudaria em relação a você?
17. Para você, existe relação entre tatuagem e emprego?
18. Expressando sua opinião, diga o que você acha sobre dos preconceitos sofridos por quem possui tatuagem.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (x) Monografia
 () Artigo

Eu, Jessyca Deys de Sousa Martins,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Corpos Tatuados: Percepções de Tatuados e Tatuadoras sobre a Const-
 rução de Estereótipos no Ambiente de Trabalho em Picos - PI.
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 20 de Fevereiro de 20 17.

Jessyca Deys de Sousa Martins
 Assinatura

Jessyca Deys de Sousa Martins
 Assinatura